

# RELAÇÕES ENTRE SAÚDE E TRABALHO DOCENTE EM UMA ESCOLA PÚBLICA

RELATIONS BETWEEN HEALTH AND TEACHING WORK IN A PUBLIC SCHOOL

RODRIGO ROCHA RIBEIRO VITOR<sup>1\*</sup>, LARA SAAD VALADARES SANTOS<sup>2</sup>

1. Psicólogo formado pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, UNILESTE, Coronel Fabriciano, Minas Gerais. Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário do Espírito Santo, UNESC, Colatina, Espírito Santo; 2. Médica formada no Instituto Metropolitano de Ensino Superior, IMES, Ipatinga, Minas Gerais. Residente em Pediatria pelo Hospital Municipal de Governador Valadares, Governador Valadares, Minas Gerais.

\* Rua Castro Alves, 115, apto 102, Cidade Nobre, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil. CEP: 35162-360. [rodrigorrivitor@yahoo.com.br](mailto:rodrigorrivitor@yahoo.com.br)

Recebido em 06/05/2014. Aceito para publicação em 08/05/2014

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar as relações entre saúde e trabalho docente em uma escola pública. Para tal, foi aplicado o Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA) e realizadas entrevistas individuais com os docentes. Ao todo o inventário foi aplicado em trinta e quatro professores e sete professoras foram escolhidas aleatoriamente para as entrevistas. Das categorias avaliadas pelo inventário as mais indicadas como geradoras de sofrimento foram: o contexto de trabalho; as exigências do trabalho; o sentido do trabalho, no que diz respeito ao reconhecimento das atividades executadas; e por fim os efeitos do trabalho para a saúde, sendo encontrados quatro professores com indicação de presença de doenças ocupacionais. Assim, foi possível identificar na escola pesquisada elementos na relação de trabalho que indicam uma predominância de vivências de sofrimento sobre as de prazer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação psicodinâmica, professores, saúde mental, prazer/sofrimento.

## ABSTRACT

The present study aimed to investigate the relationship between health and work teaching in a public school. To this end, we applied this on Labor and risks of illness and conducted individual interviews with teachers. The entire inventory was administered to thirty-four teachers and seven teachers were randomly selected for interviews. The categories assessed by the most appropriate inventory as generators of suffering were the work context, the demands of work, the meaning of work, with regard to the recognition of the activities performed, and finally the effects of work on health, being found four professors indicating the presence of occupational diseases. Thus, it was possible to identify the elements studied in school working relationship that indicate a predominance of experiences of suffering over pleasure.

**KEYWORDS:** Psychodynamic, teachers, mental health, pleasure /pain.

## 1. INTRODUÇÃO

Com o crescimento dos processos mundiais da glo-

balização o mundo do trabalho passou por fortes mudanças. Essas mudanças geram impactos no psiquismo dos trabalhadores, atingindo vários setores e instituições da sociedade, modificando antigas relações e estabelecendo novas demandas. Uma das demandas surgidas é endereçada à escola. Espera-se que a instituição escolar melhor prepare os alunos para as condições do mercado de trabalho.

Porém essas exigências não vieram acompanhadas da devida preparação de todo o contexto de trabalho. Os professores precisam capacitar os alunos para lidarem com o mundo do trabalho, mas eles próprios não estão sendo preparados para estas novas demandas. É neste cenário que observamos o número crescente de adoecimento dos docentes, uma vez que precisam lidar não só com as questões específicas da educação, mas com todos os aspectos que perpassam seu trabalho.

Foi pensando nesta condição dos professores, e partindo-se da hipótese de Dejours (1992)<sup>1</sup> que o trabalho pode ser fonte de prazer ou de sofrimento, que a pesquisa se desenvolveu, propondo estudar o trabalho do professor, avaliando os aspectos que podem levá-lo ao sofrimento psíquico e como ele lida com esse sofrimento.

### Da Psicopatologia à Psicodinâmica do trabalho: um breve histórico

A preocupação sobre a saúde do trabalhador não é um fenômeno recente e novo na história da humanidade. Os registros históricos e estudos mais aprofundados e sistematizados, sobre o adoecimento dos trabalhadores datam dos séculos XVI e XVII, principalmente, através das contribuições de Ramazzini<sup>7</sup>. Foi a partir desse estudioso é que a medicina e outras áreas do conhecimento, foram influenciadas e passaram a se preocupar, cada vez mais, quanto ao entendimento do adoecimento do trabalhador.

Porém, foi somente na primeira metade do século XIX, com o advento da Revolução Industrial, que a Medicina do Trabalho surgiu enquanto especialidade médi-

ca na Inglaterra<sup>8</sup>. A partir de então muitos autores e pesquisadores se preocuparam com o adoecimento cada vez mais crescente dos trabalhadores. Assim, os casos de acidentes, adoecimentos e sofrimento mental no e por causa do trabalho fizeram emergir na França, no final da década de 40, um novo campo de estudo: a Psicopatologia do Trabalho<sup>9</sup>.

A Psicopatologia do Trabalho é uma área no campo da Saúde Mental e Trabalho, que se preocupa em estudar os componentes psicológicos do adoecimento do trabalhador a partir da profissão e/ou a situação de trabalho. Pode ser definida como “a análise da dinâmica dos processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho”<sup>3</sup>.

É um campo de estudo que teve seu surgimento a partir do movimento da Psiquiatria Social, e com isso sofreu influência de seus estudiosos. Segundo Lima (2002) este movimento deu origem pelo menos duas correntes que vieram a contribuir com os estudos da Psicopatologia do Trabalho: a organogênese e a sociogênese. A organogênese influenciou os estudos de Paul Sivadon. Este teórico foi que primeiro utilizou, a expressão “Psicopatologia do Trabalho”, em um artigo intitulado e publicado em 1952<sup>9</sup>. Enquanto que a sociogênese, influenciou Louis Le Guillant, que propôs uma abordagem de saúde mental no trabalho em “que permitisse demonstrar a existência de uma relação entre tal condição de vida ou de trabalho e o surgimento, a frequência ou a gravidade dos distúrbios mentais”<sup>9</sup>. Segundo Zambroni de Souza & Athayde (2006)<sup>10</sup> a proposta de Le Guillant não era enfatizar a condição social patogênica em si, mas as contradições, incompatibilidades e conflitos que essa condição contém e que ela tenta impor ao sujeito.

Outro estudioso e grande expoente da Psicopatologia do Trabalho, que tem trazido importantes contribuições para a Saúde Mental e do Trabalho é Christophe Dejours. As contribuições das pesquisas e estudos desenvolvidas por este autor são de fundamental importância para o entendimento do sujeito no trabalho.

Para Seligmann-Silva (2007)<sup>11</sup> a produção intelectual de Dejours revela um olhar amplo e integrador, que corresponde justamente ao desafio do campo que escolheu: o de articular saberes originados de diferentes áreas do conhecimento humano. Foi através de Dejours que os aportes teóricos da psicanálise entraram na discussão do campo da Saúde Mental e do Trabalho.

O conceito sobre estratégias defensivas elaborados por Dejours é central em sua obra. Em *A Loucura do Trabalho* (1992)<sup>5</sup> o autor se dedica a descrever: as principais estratégias defensivas utilizadas pelo coletivo dos trabalhadores; as funções dessas estratégias, e os mecanismos de defesa individual criado pelos trabalhadores contra a organização do trabalho.

Dejours, Abdoucheli & Jayet (2007)<sup>3</sup> definem as es-

tratégias como mecanismos pelo qual o trabalhador busca modificar, transformar e minimizar a percepção da realidade que o faz sofrer. Essas estratégias podem ser construídas no plano coletivo dos trabalhadores. Uma vez erigidas pelo coletivo tomam o formato de ideologias defensivas: mecanismo defensivo criado pelo grupo de trabalhadores e compartilhado entre eles para aliviar ao até mesmo afastar o sofrimento, o medo e a angústia que o trabalho traz. Assim o fracasso ou a ruína das estratégias defensivas erguidas pelo trabalhador pode levá-lo ao adoecimento tanto físico quanto psíquico. Essas estratégias têm como função protegê-lo das ameaças existentes no trabalho que ocasionam o seu adoecimento.

### O adoecimento dos professores: alguns estudos

Enquanto categoria profissional, historicamente, os professores não tiveram devida importância nos estudos no campo da Saúde Mental e do Trabalho. Observando a referência das publicações sobre o tema no Brasil, apenas recentemente estudiosos e pesquisadores tem-se preocupado com esses trabalhadores.

Um estudo mais específico sobre a relação das condições de trabalho e o adoecimento físico e mental dos professores foi realizado por Gasparini, Barreto & Assunção (2005)<sup>12</sup>. Trata-se de uma pesquisa documental tendo como base o Relatório da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, juntamente, com o Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação em Minas Gerais – sind-UTE<sup>12</sup>. Segundo os dados apresentados no artigo, a Gerência de Saúde do Servidor e Perícia Médica (GSPM) realizou dezesseis mil quinhentos e cinquenta e seis atendimentos de servidores da educação no período de maio de 2001 a abril de 2002, sendo que, noventa e dois por cento dos atendimentos provocaram afastamento do trabalhador. “Os afastamentos no grupo geral de servidores são concentrados na categoria dos professores, totalizando 84% dos servidores afastados”<sup>12</sup>.

As autoras chamam a atenção que os dados por si só não podem expressar os problemas de saúde vividos pelos professores, ou que seja possível, estabelecer correlação direta desses problemas com o trabalho por eles desenvolvido. Contudo tais fatores são indicadores que permitem elaborar hipóteses articuladas com os dados da literatura<sup>12</sup>. Foi ainda identificado nesta pesquisa, que os transtornos psíquicos ocuparam o primeiro lugar entre os diagnósticos que provocaram o afastamento, correspondendo a 15,3% dos afastamentos.

Além das pesquisas sobre o adoecimento dos professores, que enfatizam os aspectos biológicos e psicológicos, alguns pesquisadores têm voltado sua atenção para entender o adoecimento do professor como *burnout*. Vasques-Menezes (2005)<sup>13</sup> realizou uma pesquisa através de entrevistas com professores da rede pública do ensino fundamental de Brasília, DF, para o entendimento

do processo de sofrimento mental no trabalho, mas especificamente com relação ao sofrimento como burnout. Em seu trabalho a autora traz uma articulação de diversos autores sobre o conceito de burnout, caracterizando como estado decorrente de uma tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outras pessoas na situação de trabalho, particularmente quando envolve atividade de cuidado. Uma síndrome por meio do qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que este já não importa da mesma maneira que antes e qualquer esforço lhe parece ser inútil<sup>13</sup>. Para a autora, os efeitos do *burnout* podem ser “percebidos tanto na esfera individual como na profissional e organizacional, afetando aspectos que ultrapassam o plano pessoal, afetivo e institucional”<sup>13</sup>. Assim, para a realização de estudo na perspectiva do *burnout*, é necessária uma análise não apenas do trabalhador em questão. Mas sim um estudo mais detalhado que compreenda o trabalhador no seu contexto de trabalho, as condições organizacionais e institucionais que permitem a execução de suas tarefas.

Partindo do conceito de saúde como o bem estar biopsicossocial, é importante ressaltar que a saúde não deve ser interpretada apenas pelo adoecimento físico do professor. Lidar com o sofrimento pode levar o professor a desenvolver, muitas das vezes, vivências adoecidas. O bem estar do professor não é algo que passa apenas pelo orgânico. Sua saúde mental e social deve estar em equilíbrio para considerá-lo como saudável.

Os estudos apresentados demonstram o adoecimento do professor em diversos níveis e diversas explicações para o entendimento desse adoecimento. Apesar dos professores no Brasil estarem influenciados por variáveis semelhantes<sup>14</sup>, existe as particularidades de cada escola que não podem deixar de ser consideradas, como influenciadores no entendimento da dinâmica saúde-adoecimento dos professores. Entender como os professores adoecem, passa por uma análise e compreensão do contexto de trabalho, do que é comum a todos; até chegar às particularidades de cada sujeito professor e como este, constrói suas vivências e relações de trabalho.

Assim, desenvolveu-se uma pesquisa com o objetivo de investigar as relações entre saúde e trabalho docente, a partir do levantamento dos aspectos de seu contexto de trabalho e dos relatos de suas vivências de prazer/sofrimento. Foram selecionados para investigação os professores de uma escola da rede pública de ensino do município de Ipatinga - MG.

O estudo tratou-se de uma pesquisa de campo, em que os dados da pesquisa, receberam um tratamento quantitativo e qualitativo: quantitativo pois, foi aplicado um inventário com os sujeitos da pesquisa e, a partir desse inventário os dados foram quantificados e analisados. Qualitativo uma vez que ainda foram realizadas

entrevistas individuais com os docentes visando analisar o conteúdo e complementar as informações advindas da aplicação do inventário.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

O fenômeno escolhido para o estudo foram as vivências de prazer e os sofrimento de professores de uma escola pública do município de Ipatinga - MG. Inicialmente foi realizado um contato com a diretora de uma escola da rede estadual de ensino, em que foi apresentado o projeto de pesquisa. Com aprovação da diretora foi marcada um encontro com os professores para apresentação da proposta.

No encontro com os professores, o pesquisador explicou a proposta da pesquisa e entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que os participantes concordavam em participar da pesquisa e que sua participação ocorria de livre e espontânea vontade, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96; e o instrumento de coleta para os professores, para que os mesmos respondessem naquele momento.

Assim, a pesquisa contou com amostra de trinta e cinco sujeitos, sendo, trinta e três professores e duas pedagogas. Desses apenas um professor era do sexo masculino. O instrumento utilizado nessa amostra foi o Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA) e, posteriormente, os professores foram selecionados aleatoriamente para a realização das entrevistas individuais.

O ITRA tem como objetivo mensurar distintas e interdependentes modalidades de representações dos respondentes relativas ao mundo do trabalho. Essas representações se estruturam em quatro categorias: contexto de trabalho, exigências, sentido do trabalho e efeitos do trabalho. Este instrumento foi criado e validado por Ferreira & Mendes (2007)<sup>2</sup>, tendo sido adaptado e revalidado em 2004, e novamente submetido à validação, em função de pequenos ajustes, no ano de 2006. Sobre a interpretação dos resultados Mendes instrui que deve ser feita com base nas médias gerais dos fatores e percentual de respondentes nos intervalos das médias, ou seja, o número absoluto de trabalhadores. Também é importante analisar os dois itens do fator avaliados com médias mais altas e mais baixas, a fim de verificar quais situações estão influenciando os resultados gerais<sup>2</sup>.

Ainda sobre a interpretação dos resultados, cada fator e suas categorias podem ser analisados pela avaliação recebida como satisfatório, crítico e grave. Sendo Satisfatório um resultado positivo e produtor de prazer no trabalho, aspecto a ser mantido e consolidado no ambiente organizacional. Crítico é um resultado mediano, indicador de ‘situação-limite’, potencializando o custo negativo e o sofrimento no trabalho, sinaliza estado de alerta, requerendo providências imediatas a curto e médio prazo. E grave é um resultado negativo e produtor de

custo humano e sofrimento no trabalho, indica forte risco de adoecimento, requerendo providências imediatas nas causas, visando a eliminá-las e/ou atenuá-las<sup>2</sup>.

Assim, cada categoria possui escala própria de avaliação. As categorias contexto e exigências do trabalho possuem os mesmos valores de escala para a classificação: a Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT) e a Escala de Custo Humano no Trabalho (ECHT), respectivamente.

**Tabela 1.** Escala de avaliação do contexto de trabalho (EACT) e escala de custo humano no trabalho (ECHT).

Valores	Classificação
Acima de 3,7	Avaliação mais negativa, grave
Entre 2,3 e 3,69	Avaliação mais moderada, crítico
Abaixo de 2,29	Avaliação mais positiva, satisfatório

A categoria sentido do trabalho é composta de por uma escala de sete pontos, que avalia a ocorrência de vivências de prazer e sofrimento no trabalho. Essa escala é denominada Escala de Indicadores de Prazer - Sofrimento no Trabalho (EIPST). Os fatores do prazer (realização profissional e liberdade de expressão) são considerados itens positivos e avaliados de maneira diferente das escalas anteriores, enquanto que os fatores de sofrimento (esgotamento profissional e falta de reconhecimento) são interpretados de maneira negativa.

**Tabela 2.** Escala de indicadores de prazer-sofrimento no trabalho

Valores	Classificação	
	Vivências de Prazer	Vivências de Sofrimento
Acima de 4,0	Avaliação mais positiva, satisfatório	Avaliação mais negativa, grave
Entre 3,9 e 2,1	Avaliação moderada, crítico	Avaliação moderada, crítico
Abaixo de 2,0	Avaliação para raramente, grave	Avaliação menos negativa, satisfatório

Por fim, a última categoria, efeitos do trabalho, possui escala denominada Escala de Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho (EADRT), sendo composta de sete pontos e avaliada, em quatro níveis.

**TABELA 3.** Escala de avaliação dos danos relacionados ao trabalho

Valores	Classificação
Acima de 4,1	Avaliação mais negativa, presença de doenças ocupacionais
Entre 3,1 e 4,0	Avaliação moderada para freqüente, grave
Entre 2,0 e 3,0	Avaliação moderada, crítico
Abaixo de 1,9	Avaliação mais positiva, suportável

Com base nos resultados encontrados através do

ITRA, foi possível a construção de um roteiro de entrevista semiestruturada, a ser realizada com os professores. Ao todo foram realizadas sete entrevistas com professores, sendo que, dessas entrevistas quatro foram gravadas e três não gravadas devido a problemas técnicos com o gravador, que impediram a gravação das entrevistas.

Para a análise das entrevistas, utilizou-se como técnica a Análise dos Núcleos de Sentido (ANS), tem como finalidade agrupar o conteúdo latente e manifesto do texto, com base em temas, que constituem um núcleo de sentido, em definições que deem maior suporte às interpretações<sup>2</sup>.

Por fim, o aporte teórico que possibilitou fazer uma leitura dos dados foi primordialmente a Psicodinâmica do Trabalho, apoiando-se principalmente nos escritos de Dejours (2007, 1996,1992,2007b)<sup>3,4,5,6</sup>. Das obras do autor, as principais utilizadas são a Loucura do Trabalho e Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho.

### 3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

#### As vivências de prazer e sofrimento: os resultados

Os resultados encontrados pelo ITRA foram analisados segundo cada escala pertencente a sua categoria. A partir desses dados, foi construído um roteiro de entrevista semiestruturada que permitiu aprofundar os principais aspectos que obtiveram resultado relevante da aplicação do ITRA. As entrevistas foram analisadas pela técnica de ANS e sua relação com os dados do ITRA foram apresentadas em cada categoria. Assim os dados que seguem constaram dos resultados do ITRA e da aplicação do ANS para cada categoria.

#### Análise do contexto de trabalho

A categoria contexto de trabalho é dívida em três fatores: organização do trabalho, relações socioprofissionais e condições de trabalho. Os resultados encontrados para a categoria indicam uma avaliação mais moderada, crítica. Contudo, ao realizar a soma dos resultados críticos com os graves, notamos que a categoria apresenta uma avaliação grave, produtora de custo humano e sofrimento no trabalho.

No fator organização do trabalho, 79% dos professores realizaram uma avaliação mais moderada, crítica e 21% avaliaram mais negativa grave. A organização do trabalho é definida como a divisão e organização das tarefas, normas, controles e ritmos de trabalho. Os itens do inventário do fator organização do trabalho, que receberam avaliação negativa, grave foram: existe forte cobrança por resultados e existe fiscalização do desempenho. Nas entrevistas pode-se perceber que essa cobrança é realizada através de reuniões com o grupo de



professores ou até mesmo individualmente. As professoras colocaram que a cobrança realizada pela escola, vem do Estado, que cobra a melhoria do desempenho dos alunos.

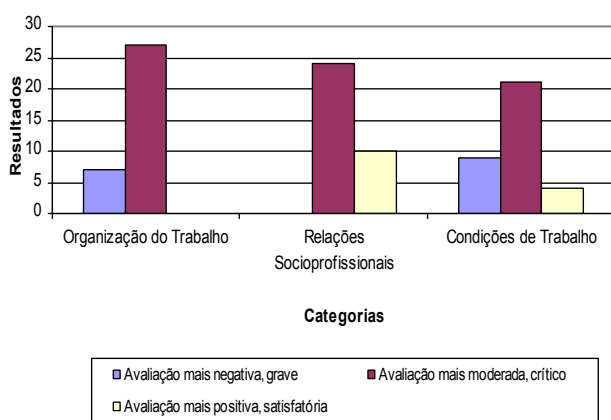


Figura 1. Escala de avaliação do contexto de trabalho

[...] a gente trabalhava assim, mais a vontade, não tinha assim, muito uma direção pra gente tomar. Não tinha essa cobrança do Estado. Então, de um tempo pra cá, depois dessas avaliações, que viu que o desempenho não estava bom, a cobrança do Estado é muito grande. Muito grande! Tem que mostrar resultado de qualquer jeito, e essa cobrança do Estado afeta na escola. Porque o Estado cobra da supervisora, e a supervisora cobra da gente (informação verbal)<sup>1</sup>.

Dado o exposto percebe-se que a cobrança realizada, através das avaliações de desempenho é vista como contraditória, uma vez que, de acordo com as entrevistadas, não é condizente com a realidade enfrentada por elas, sendo vivenciada de forma negativa e gera sofrimento.

Nas relações socioprofissionais, conceituada como os modos de gestão do trabalho, comunicação e interação profissional, os resultados foram: 71% dos professores avaliaram como positiva, satisfatória e 29% dos professores avaliaram como moderada, crítico. A vivência positiva sobre o relacionamento interpessoal entre os professores foi também encontrada nas entrevistas realizadas. Pelos resultados encontrados e em se tratando do coletivo dos professores, Silva assim nos diz:

O grupo mantém, dentro do seu universo, indivíduos que estão muitas vezes, em profundo sentimento de união, amor e identificação. Mas também podemos presenciar nos grupos elementos de rivalidade, ódio e contra identificação (...). Esses laços emocionais de simpatia e antipatia representam a grande teia que demarca os pontos de conflito e os pontos de concordância dentro dos grupos<sup>15</sup>.

Nota-se que as relações socioprofissionais são vivenciadas de forma positiva, uma vez que ao lidarem com

<sup>1</sup> Informação repassada por "P3" em entrevista.

situações semelhantes do dia-a-dia da escola, facilita o processo de identificação. Pode-se ainda sugerir que o relacionamento interpessoal é uma estratégia defensiva desse grupo de professores, uma vez que é no grupo que eles se unem e se fortalecem e lutam contra um sofrimento comum: o contexto de trabalho, as condições organizacionais, entre outras.

As condições de trabalho são definidas como a qualidade do ambiente físico, posto de trabalho, equipamentos e material disponibilizados para a execução do trabalho. Esse fator recebeu avaliação mais positiva, satisfatória de 12% dos professores, avaliação mais moderada, crítico por 62% e avaliação mais negativa, grave por 26%. Ou seja, 88% dos professores se encontram insatisfeitos com as instalações físicas da escola, avaliando como inadequado para a prática profissional. Dessa forma, podemos indicar que a estrutura física da escola e a organização da mesma é fonte de insatisfação para os professores. A falta de instalações físicas adequadas ao trabalho docente gera sofrimento no trabalho.

Semelhante resultado foi encontrado nas entrevistas individuais. As professoras entrevistadas queixaram-se, da estrutura física da escola e dos materiais disponibilizados para a execução das atividades. Sobre a estrutura física, as professoras relataram que, pelo prédio ser construído por placas, é muito quente, e quando chega o período de calor a dificuldade de dar aula aos alunos aumentam. Quanto aos materiais disponibilizados, são insuficientes, ou os professores não possuem preparo para lidar com o material disponível.

## Análise das exigências do trabalho

A segunda categoria, exigências do trabalho, diz respeito à descrição das exigências e são representações relativas ao custo físico, custo cognitivo e custo afetivo do trabalho. Essa categoria é avaliada pela Escala de Custo Humano no Trabalho (ECHT).

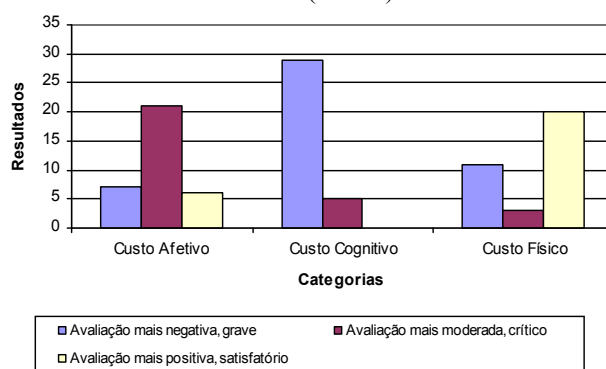


Figura 2. Escala de custo humano do trabalho.

O primeiro fator dessa categoria é o custo afetivo, definido como o dispêndio emocional, sob a forma de reações afetivas, sentimentos e de estados. Esse fator

indica que 18% dos pesquisados avaliaram mais positiva, satisfatória o custo afetivo empregado em suas tarefas; 62% como moderada, crítico e 20% avaliação mais negativa, grave. Assim, temos que 82% dos professores com avaliação grave desse fator.

Expressar afetos e sentimentos no contexto de trabalho tem sido vivenciado, pelos docentes, de forma negativa, sendo gerador de sofrimento. Pelos resultados do ITRA, neste fator os itens que receberam avaliação mais negativa, grave, foram: ter controle das emoções, ter custo emocional e ser obrigado a lidar com a agressividade dos outros. Essas informações também puderam ser coletadas nas entrevistas realizadas, em que as professoras relatam as dificuldades de lidar com os alunos principalmente em manter o respeito deles por elas. As queixas giram em torno, dos alunos ofenderem os professores em sala de aula, através de provocações e “xingamentos”, e as mesmas terem que se calar e “não poderem retrucar”.

Tem aluno que te faz às vezes, você senti, um pouco assim de raiva, de você sentir as vezes assim ... como vou dizer; ele te ofende, você se sente ofendida e você não pode retrucar. Então você assim, normalmente o tempo todo, na sala de aula, eu tenho aluno assim, que insulta a gente o tempo todo, te fala assim, te chama de tudo quanto é nome, coloca apelido inadequados e coisa e tal. Então a gente reprime o tempo todo na sala (informação verbal)<sup>2</sup>.

Além da realidade de sala de aula, algumas professoras relatam sobre a falta de apoio de outros professores e do corpo administrativo da escola.

[...] na hora que eu preciso do apoio, eu não tenho, a gente não tem. Apoio dos superiores a gente não tem. A gente exige, mas a gente não tem proteção, a gente não tem, aquilo que, como diz, você vai e faz, se você faz e você errar é problema seu. Eu não vou te apoiar, aquele que ... entendeu!? Meus sentimentos, às vezes dá assim uma certa angústia, uma mágoa, de certas ... essa ... sabe?! ... essa maneira de oferecer a risco aquilo que me pede a fazer, aquilo que me autoriza fazer. E, no entanto a gente não tem apoio dos superiores (informação verbal)<sup>3</sup>.

O segundo fator dessa categoria, o custo cognitivo, que significa o dispêndio intelectual para aprendizagem, resolução de problemas e tomada de decisões no trabalho. Encontraram-se como resultados que: 85% dos professores avaliam como mais negativa, grave os itens dessa categoria e, 15% de avaliação mais moderada, crítico. Nos dados gerais por fatores, o custo físico não recebeu avaliação mais positiva, satisfatória.

Os dados desse fator são de certa forma, preocupantes e previsíveis. Preocupantes, pois, do ponto de vista

cognitivo, é uma atividade que exige muito dos professores, que provoca um cansaço mental muito grande, desmotivando-os a realizarem outras atividades quando, por exemplo, chegam à suas residências. Previsíveis também, pois, como já afirma Pessanha (1994)<sup>16</sup>, o surgimento do trabalho do professor, está vinculado à divisão social do trabalho, diferenciando o trabalho manual do intelectual. Assim, temos que o trabalho docente é uma atividade intelectual que exige, constantemente, do professor um exercício de suas competências e habilidades cognitivas.

O terceiro fator avaliado nessa categoria é o custo físico, é definido como dispêndio fisiológico e biomecânico imposto ao trabalhador pelas características do contexto de produção. A avaliação encontrada foi: 59% avaliação mais positiva, satisfatória; 9% de avaliação mais moderada, crítico; e 32% de avaliação mais negativa, grave. As atividades físicas realizadas pelos professores são vistas, pelo mesmo, de forma natural, como algo característico e necessário da atividade, podendo afirmar, que as mesmas são vivenciadas de forma satisfatória. Contudo não se pode afirmar que as atividades físicas sejam geradoras de vivências de prazer. Os itens do inventário para este fator que receberam avaliação mais negativa, grave foram: usar os braços de forma contínua, caminhar, ser obrigado a ficar em pé, usar as pernas de forma contínua e usar as mãos de forma repetida. Neste fator o único item que recebeu avaliação mais positiva, satisfatório foi: subir e descer escadas, uma vez que, o prédio da instituição não possui escadas e sim, rampas de acesso.

### **Análise do sentido do trabalho**

A terceira categoria descreve o sentido do trabalho, sendo composta por quatro fatores: dois para avaliar o prazer – realização profissional e liberdade profissional – que receberam avaliação satisfatória, e dois para avaliar o sofrimento no trabalho – falta de reconhecimento e liberdade de expressão. Essa categoria é medida pela Escala de Indicadores de Prazer-Sofrimento no Trabalho (EIPST).

Sobre as vivências de sofrimento, indicada pelos fatores: falta de reconhecimento e esgotamento profissional, neste a avaliação se apresentou de maneira mais equilibrada, e aquele recebeu uma avaliação mais moderada, crítico. O gráfico comparativo se encontra abaixo.

Analisando cada fator separadamente, a liberdade de expressão, definida como a vivência de liberdade para pensar, organizar e falar sobre o seu trabalho, recebeu avaliação mais positiva, satisfatória de 82% dos professores, e 18% de avaliação moderado, crítico. As vivências de expressar suas opiniões e pensamentos no contexto de trabalho são avaliados pelos professores como positivas. Os docentes possuem espaço que os faz sentir

<sup>2</sup> Informação repassada por “P1” em entrevista.

<sup>3</sup> Informação repassada por “P2” em entrevista.

a vontade de expressar aquilo que pensam, sem haver uma punição ou coerção sobre o que é falado. Nas entrevistas individuais as professoras relatam que sentem liberdade de falar o que pensam, dar opiniões, e que são ouvidas, mas que, não necessariamente quer dizer que são aceitas. Ou seja, o corpo administrativo e pedagógico da instituição ouve os professores, mas nem sempre atende a suas opiniões e sugestões.

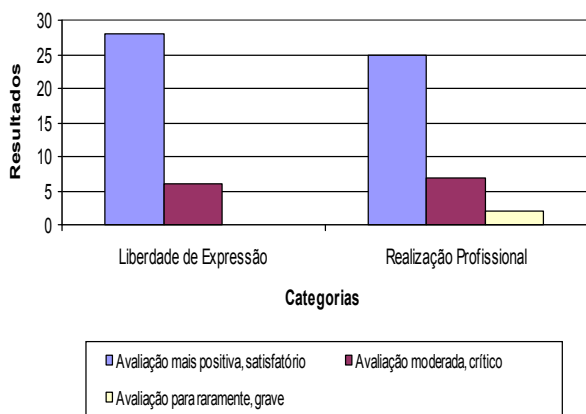


Figura 3. Indicadores de prazer no trabalho

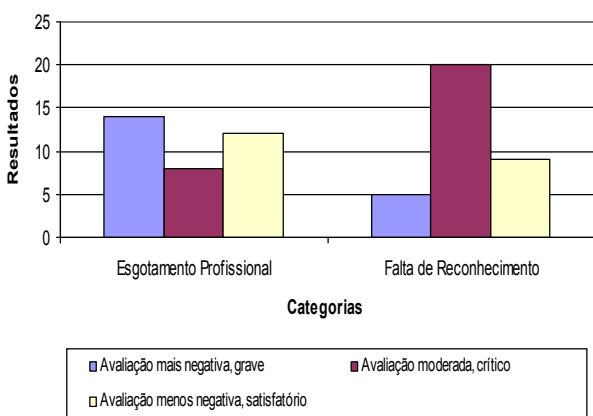


Figura 41. Indicadores de sofrimento no trabalho

Sinto. Aqui na nossa escola... é o terceiro ano que eu estou aqui, tem pouco tempo né! Mas eu acho esse ambiente muito bom, assim, a gente pode falar o que pensa, se não gostou a gente fala que não gostou, não tem muita pressão nesse sentido não (informação verbal)<sup>4</sup>.

O fator realização profissional é conceituado como a vivência de gratificação profissional, orgulho e identificação com o trabalho que faz. Nos resultados encontrados no ITRA, 73% dos professores realizaram uma avaliação positiva, satisfatório, 21% avaliação mais moderado, crítico e 6% para raramente, grave. Pelos dados

<sup>4</sup> Informação repassada por "P3" em entrevista.

encontrados podemos indicar que a maioria dos professores se encontram realizados profissionalmente, podendo essa realização ser geradora de prazer para os mesmos. Os professores que indicam uma avaliação grave para este fator vivenciam o trabalho docente de forma negativa, com vivência de sofrimento. Nas entrevistas individuais, quando perguntadas sobre a realização profissional, algumas professoras responderam, que sentiam que estavam realizadas profissionalmente. Outras colocaram que a escolha da profissão de professora se deu por, no momento de suas vidas, não poderem seguir outra carreira. Seja por condição financeira, seja por ser a "opção existente". A professora P5 relatou na entrevista que na verdade ela gostaria de ser médica ou dentista, mas como não possuía condições de pagar a faculdade, optou por ser professora (informação verbal)<sup>5</sup>.

O esgotamento profissional avalia as vivências de frustração, insegurança, inutilidade, desgaste e estresse no trabalho. Para este fator, foram apresentados os seguintes resultados: 41% de avaliação mais negativa, grave; 24% de avaliação moderado, crítico; e 35% de avaliação mais negativa, satisfatório. Pelos resultados indicados as vivências de frustração, insegurança, inutilidade, desgaste e estresse são constantes nas atividades executadas pelos professores, sendo vivência de sofrimento para os mesmos. Os relatos de vivências de frustração são apresentados por todas as professoras entrevistadas. Algumas chegam a expressar que não acreditam mais na educação. Entre os principais fatores de frustração apresentados pelas professoras, podemos citar: os alunos não aprenderam, não respeitam o professor em sala de aula, a família do aluno deixa toda a responsabilidade da educação nas mãos do professor, a estrutura física da instituição, entre outros.

Sobre a família repassar para a escola a responsabilidade de educação dos filhos já foi apontado Esteve Saragoza (1987)<sup>6</sup> apud Vasques-Menezes (2005)<sup>13</sup> que com a inibição dos vários agentes de socialização da criança no seio da família, coube à escola absorver o essa função, sobrecarregando ainda mais o professor.

O fator falta de reconhecimento é entendido como vivências de injustiças, indignações e desvalorização pelo não-reconhecimento do seu trabalho. Segundos os resultados do ITRA, 15 % dos professores possuem vivências mais negativa, grave em relação ao reconhecimento ao seu trabalho; 59% de avaliação moderado, crítico; e 26 % de avaliação mais negativa, satisfatório. Pelos resultados encontrados podemos sugerir que o processo de reconhecimento do trabalho dos professores, seja através do corpo administrativo-pedagógico, dos

<sup>5</sup> Informe repassado por "P5" em entrevista.

<sup>6</sup> Esteve Saragoza JM. Teacher burnout and teacher stress. In: Cole M, Walker S. Teaching and stress. Milton Keynes. Open University Press. 1987.

próprios professores, ou até mesmo, dos pais dos alunos, é precário. Encontramos que 74% dos docentes da instituição possuem vivência de sofrimento, seja por causa de injustiças, indignação, desvalorização e não-reconhecimento do trabalho executado. A falta de reconhecimento gerar nos professores desmotivação para a execução das tarefas, influenciando diretamente em seu desempenho. Sobre o reconhecimento do trabalho, Chanlat realiza uma análise social da situação profissional do docente enquanto um servidor público:

No decorrer dos últimos vinte anos, os empregados do setor público e notadamente os funcionários sofreram mais ou menos fortemente o discurso sobre sua suposta ineficiência, sua fraca produtividade, até sua verdadeira utilidade. Ora, o reconhecimento, como mostra a psicodinâmica do trabalho, está no âmago do prazer e do sofrimento no trabalho (Dejours, 1990; 1993). Como poderiam os funcionários serem motivados se, não somente não têm sempre os meios de trabalhar, mas também são objeto de escárnio da população [...]. Atinge-se aí um elemento central de sua identidade profissional<sup>17</sup>.

A questão do reconhecimento também foi levantada nas entrevistas individuais.

Pesquisador: E você sente reconhecimento pelo trabalho?

P3 – Muitas das vezes não. Não pela última avaliação que eu tive mesmo, que eu tomei o maior susto que minha avaliação não foi das legais, não foi muito boa. Quem viu fora, quem me reconhece, quem vê o trabalho, que está ali fora comigo, [...], quem viu ficou admirado: “quer dizer que sua nota foi esta?”. Eu reclamei até [...] (informação verbal)<sup>7</sup>.

### Análise dos efeitos do trabalho para a saúde

A última categoria avalia os efeitos do trabalho para a saúde, sendo composta por três fatores: danos físicos, danos psicológicos e danos sociais. Essa avaliação é realizada pela Escala de Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho (EADRT). Esta é a única escala do inventário diferente das demais, principalmente no que diz respeito à mensuração.

Dessa forma encontramos, como resultado da amostra coletada apenas uma professora com avaliação mais negativa, indicando a possibilidade de doenças ocupacionais. Esta professora alcançou escores de 4,10 nesta categoria, o necessário para inferir a possibilidade de adoecimento. Nos fatores: danos físicos, danos sociais e danos psicológicos, a pesquisa alcançou 3,58; 4,42; e 4,5 respectivamente. No fator danos físicos, foram encontradas quatro professoras indicando avaliação mais negativa, presença de doenças ocupacionais. Os resultados comparativos podem ser observados no gráfico abaixo.

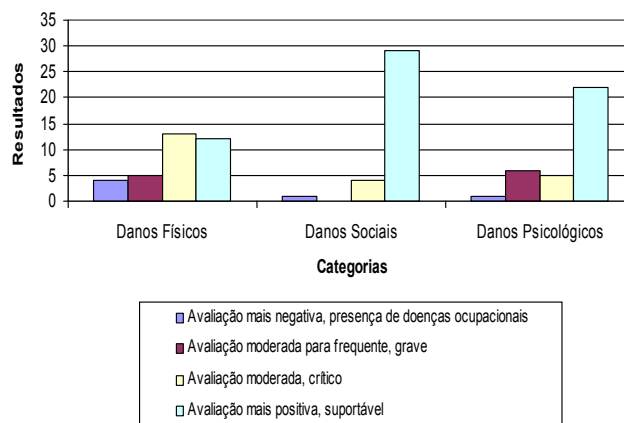


Figura 5.2 Avaliação dos danos relacionados ao trabalho

O fator danos físicos é definido como dores no corpo e distúrbios biológicos. Obtiveram-se como resultados desse fator que 12% dos professores com avaliação mais negativa, presença de doenças ocupacionais; 15% de avaliação moderada para frequente, grave; 38% com avaliação moderada, crítico; e 35% de avaliação mais positiva, suportável. Assim, temos que 65% dos professores em situação de sofrimento em relação aos aspectos físicos do trabalho. Os itens desse fator, que receberam avaliação mais moderada para frequente, grave foram: dores no corpo, dores nos braços, dores nas costas e dores nas pernas. A atividade docente é, por vezes, caracterizada por muita movimentação (locomoção em sala de aula e pela escola) e, observamos que o espaço de sala de aula, principalmente, oferece poucas condições ergonômicas para o trabalho docente. Cadeiras e mesas não são adaptadas e confortáveis, o que pode gerar as dores acima mencionadas.

O fator danos sociais é definido como isolamento e dificuldades nas relações familiares e sociais. Na avaliação realizada pelos professores, apenas 3% apresentam a possibilidade de presença de doenças ocupacionais; 12% de avaliação moderada, crítico; e 85% de avaliação mais positiva, suportável. Pelos itens avaliados pelo ITRA, pode-se afirmar que as vivências de trabalho dos professores não possuem interferência direta em seus relacionamentos familiares e sociais. Na análise das entrevistas, as professoras não relataram qualquer ligação entre o trabalho e suas relações extra laborais.

Quanto aos danos psicológicos, definidos como os sentimentos negativos em relação a si mesmo e à vida em geral, encontraram-se como resultados que 3% dos professores realizaram uma avaliação mais negativa desse fator, indicando a possibilidade de presença de doenças ocupacionais; 17% de avaliação moderada para frequente, grave; 15% de avaliação moderada, crítico; e 65% de avaliação mais positiva, suportável. Apesar da avaliação mais positiva, suportável, ser superior aos 36%

<sup>7</sup> Informação repassada por “P3” em entrevista.



dos professores indicam uma avaliação negativa quanto aos sentimentos em relação a si mesmo e à vida em geral, são valores que devem ter um olhar mais cuidadoso, pois diz respeito a imagem que o professor tem dele mesmo e que influencia de alguma forma, a execução das suas atividades. Nas entrevistas individuais, as professoras quando perguntadas, quais os sentimentos em relação a si mesmas, responderam que se sentem bem. Algumas, porém, manifestaram que apesar de se sentirem bem, possuem frustrações quanto o trabalho na escola.

Pesquisador: Quais são os sentimentos que você tem em relação a você mesma?

P1: Nossa que pergunta difícil! (risos) Profissional, ou não?

Pesquisador: No profissional e pessoal.

P1: Pessoal sou extremamente satisfeita com a minha vida. Sou muito feliz, tenho uma família que eu amo muito, estou muito satisfeita. Agora questão profissional, eu sou totalmente frustrada, insatisfeita, infeliz pelo o que acontece, pelo o que eu vejo, pelo o que é a educação hoje em dia. Em geral. O problema não está só aqui, está no Brasil. Então fico insatisfeita porque eu queria ver esses meninos de uma forma diferente, agirem diferente, falarem diferente e a sociedade leva para um meio que realmente me deixa muito frustrada (informação verbal)<sup>8</sup>.

#### 4. CONCLUSÃO

Podemos observar pelos resultados da pesquisa que para o entendimento do sofrimento do trabalhador, seja físico ou mental, é necessário um estudo mais detalhado, envolvendo os trabalhadores e o trabalho em si. Foi possível ainda identificar que este sofrimento está além das patologias, envolvendo as vivências e os vínculos que os trabalhadores estabelecem com suas relações laborais. Partindo do conceito da Organização Mundial de Saúde (OMS), que saúde é o bem estar biopsicossocial, não apenas a ausência de doenças entende-se que o adoecimento do trabalhador pode envolver aspectos do meio social e do clima psicológico presente no contexto de trabalho.

O trabalho pode ser ainda entendido como um espaço de contradição. É fonte de sofrimento (seja a nível orgânico, seja a nível psíquico), mas também é fonte de prazer. É no campo do trabalho que os trabalhadores batalham entre as exigências do trabalho, e as suas exigências individuais. Dejours, através de seus estudos, já demonstrou essa “contradição” existente no trabalho.

O conceito de ideologias defensivas já fora apresentado por Dejours, porém sua identificação exige um estudo mais detalhado do que o apresentado. Pelos resultados encontrados e a bibliografia estudada, encontramos

apenas indicadores de quais seriam as ideologias criadas pelo conjunto de professores utilizados como amostra na pesquisa, mas que exigiriam uma pesquisa mais aprofundada

Quanto aos mecanismos de defesa individuais criados pelos professores, entende-se que a descoberta dos mesmos, exige uma investigação clínica, utilizando como referencial a psicodinâmica do trabalho.

Sobre os resultados da pesquisa retratados neste estudo, podemos afirmar que, de modo geral, as condições de trabalho da escola pesquisada, ainda não se encontram de maneira satisfatória, de modo a permitir que o grupo de trabalhadores vivencie situações laborais mais prazerosas. As vivências de sofrimento relatadas pelas professoras e indicadas pelos resultados do inventário, demonstram que elas têm superado as situações de prazer.

Os danos aos professores não chegaram a um nível crítico, o que não quer dizer que não mereça uma devida atenção. Um olhar mais atencioso, com ações preconizando a saúde dos professores (pensando a saúde pelo conceito enunciado pela OMS), do corpo administrativo e pedagógico, pode transformar as vivências de sofrimento em vivências de prazer. O diálogo poderia ser um primeiro caminho para as mudanças.

Sobre a cobrança realizada, através das avaliações de desempenho, vista como contraditória pelos professores, uma vez que, de acordo com as entrevistadas, não é condizente com a realidade enfrentada por elas, sendo vivenciada de forma negativa e gera sofrimento. Este dado encontrado na pesquisa levanta uma questão sobre os processos de avaliação, que poderiam ser objeto de futuras investigações afim de minimizar seus impactos.

Os resultados da Escala de Indicadores de Prazer-Sofrimento no Trabalho, nos fatores Esgotamento Profissional e Falta de Reconhecimento, percebe-se altos índices, indicando sofrimento grave em relação aos itens investigados, principalmente sobre a sobrecarga de atividades. A insatisfação, o estresse e o esgotamento emocional são outros sentimentos que vem contribuindo para as vivências de sofrimento. Contudo, percebe-se que a satisfação pelas atividades e a liberdade para a execução das tarefas, são pontos positivos, que permitem ao professor vivenciar situações de prazer na escola.

Espera-se que a organização do trabalho escolar seja direcionada de modo a permitir que os professores possam produzir uma prática profissional significativa para si mesmos. A escola deveria criar espaços para que os docentes expressem seus sentimentos em relação àquilo que produzem e sobre as condições de trabalho, proporcionando uma construção coletiva da resolução dos problemas, que por vezes, levam as vivências de sofrimento. A qualidade de vida deve ser o eixo norteado da construção da organização escolar, como das práticas profissionais.

<sup>8</sup> Informação repassada por “P1” em entrevista.

Sabe-se ainda que algumas transformações no trabalho escolar não dizem respeito apenas à escola em questão, mas também ao sistema educacional do Brasil. Melhores condições de trabalho, salários, valorização do profissional, entre outras questões, deveriam ser resolvidas em diálogos com secretarias de educação e governo de Estado. Proporcionar vivências de prazer, priorizando o bem estar dos trabalhadores é uma alternativa que, não apenas contribui para a saúde individual e coletiva dos professores, mas que influi diretamente no processo de educação, melhorando a qualidade da mesma.

## REFERÊNCIAS

- [1] Dejours Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez – Oboré. 1992.
- [2] Mendes AM, Ferreira MC. Inventário de trabalho e riscos de adoecimento - Itra: instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In: Ana Magnólia Mendes. (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007; 1:111-26.
- [3] Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas. 2007
- [4] Dejours C. Uma nova visão do sofrimento humano no trabalho. In: J. F. Chanlat (Org.). *O indivíduo na Organização: Dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas. 1996; 151-75.
- [5] Dejours Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez – Oboré. 1992.
- [6] Dejours C, Abdoucheli E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: Dejours, C. & Abdoucheli, E., & Jayet, C. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas. 1995; 119-145.
- [7] Merlo ARC, Lapis N. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da Psicodinâmica e da Sociologia do Trabalho. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre. 2007; 19; 61-8.
- [8] Mendes R, Dias EC. Da Medicina do Trabalho à Saúde do Trabalhador, *Revista de Saúde Pública*, São Paulo. 1991; 25:5:341-9.
- [9] Lima MEA. Esboço de uma crítica à especulação no campo da saúde mental e trabalho. In: Wanderley Codo; Maria das Graças Jacques. (Org.). *Saúde Mental e Trabalho - Leituras*. Petrópolis: Vozes, 2002; 50-81.
- [10] Zambroni-de-Souza PC, Atahyde M. A contribuição da abordagem clínica de Louis Le Guillant para o desenvolvimento da Psicologia do Trabalho. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro. 2006; 6:6-20.
- [11] Selligman-Silva E. Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho: Marcos de um Percurso. In: *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas. 2007; 13-19.
- [12] Gasparini SM, Assunção AÁ, Barreto SM. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa (USP)*. 2005; 31:189-99.
- [13] Vasques-Menezes I. *A contribuição da psicologia clínica na compreensão do burnout: um estudo com professores*. 298 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília. 2005.
- [14] Brasil. Lei Federal de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei N. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Ministério da Educação. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. cesso em: 01 setem. 2008.
- [15] Silva PS. *Saúde Mental do Professor*. São Paulo: Expressão e Arte. 2006; 216.
- [16] Pessanha EC. Ascensão e queda do professor. São Paulo: Cortez. 2004; 34:112.
- [17] Chanlat JFO gerencialismo e a ética do bem comum: a questão da motivação para o trabalho nos serviços públicos. In: *Anais do VII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma Del Estado y de la Administración Pública*, Lisboa: Portugal. 2002.

